Continue

Trump mandato 2025

Fotografía del presidente de EE.UU., Donald Trump, junto al vicepresidente JD Vance (c), y el secretario de Estado, Marco Rubio. EFE/EPA/ Yuri Gripas Nueva York (EFE).- El presidente de EE.UU., Donald Trump, que ha tenido su mirada puesta en un tercer mandato, en 2028, aunque la Constitución lo prohíbe, descartó este domingo esa idea y respaldó a su vicepresidente, JD Vance, y al secretario de Estado, Marco Rubio, como posibles candidatos a sustituirlo. Aunque dijo que no quería entrar ahora en ese debate porque está concentrado en su cuatrienio, considera que Vance es «un tipo fantástico y brillante», y Rubio «genial» para estar al frente del movimiento Make America Great Again» (Hagamos a EE.UU. grande otra vez), que le llevó dos veces a la Casa Blanca. No obstante, considera que JD Vance podría tener ventaja por la posición que ahora ocupa: «Ciertamente, dirías que alguien es el vicepresidente, si esa persona es sobresaliente, supongo que tendrá una ventaja». Fotografía de archivo del presidente estadounidense, Donald Trump, en un discurso. EFE/ Erik S. Lesser Recordó, en la entrevista trasmitida hoy en 'Meet the Press', de la cadena NBC, que mucha gente le ha pedido que busque un nuevo término. «Mucha gente quiere que lo haga. Es algo que, hasta donde sé, no está permitido. No sé si es constitucional… Pero no es algo que pretendo hacer», afirmó. Trump ha dicho en el pasado que, aunque la Constitución estadounidense no permite sumar más de dos cuatrienios, «hay métodos» para conseguirlo y evadir así la Enmienda 22, que señala que «nadie podrá ser elegido presidente más de dos veces,» ni tampoco «nadie que haya ocupado el cargo o lo haya ejercido durante más de dos años de un mandato para el cual otra persona haya sido elegida». Enmendar la Constitución para abolir el límite de dos mandatos sería muy difícil, pues requeriría el voto de dos tercios del Congreso o que dos tercios de los estados acordaran convocar una convención constitucional para proponer cambios. Fotografía de archivo del vicepresidente de EE.UU., JD Vance (i), junto al secretario de Estado, Marco Rubio (d), posibles sustitutos políticos de Donald Trump. EFE/EPA/Ken Cedeno Sin embargo, las Trump Stores, tiendas oficiales donde se venden productos patrocinados por Donald Trump, ya comercializan gorros, camisetas y vasos con el lema «Trump 2028», promocionando así un tercer mandato, y cuando le preguntan al respecto, Trump indicó que «hay mucha gente que vende la idea de 2028, pero no es algo que yo busque». «Quiero tener cuatro años excelentes y cederle el puesto a alguien, idealmente un gran republicano", afirmó. O republicano Donald Trump venceu as eleições presidenciais dos Estados Unidos e terá seu segundo mandato como líder do país. O bilionário de 78 anos voltará ao poder quatro anos após ter perdido a reeleição em 2020 para o atual presidente Joe Biden. Trump se recusou a reconhecer a derrota e estimulou protestos, que culminaram com a invasão do Congresso, em 6 de janeiro de 2021, por seus apoiadores. Trump venceu, com folga, a democrata Kamala Harris ao atingir 277 delegados no Colégio Eleitoral, nas projeções de diversos veículos de comunicação do país. Ele atingiu a marca após sair vitorioso no estado de Wisconsin. Quando é a posse de Donald Trump nos EUA? A posse do republicano Donald Trump será no dia 20 de janeiro, quando os Estados Unidos realizam a cerimônia de posse, que marca o início de um novo mandato presidencial. O evento cívico-militar, que inclui uma cerimônia oficial e atividades públicas, ocorre tradicionalmente ao meio-dia, horário local, no Capitólio dos Estados Unidos. Após o juramento, Trump deve fazer seu primeiro discurso oficial, estabelecendo o tom para seu mandato, e em seguida participará de um desfile pela avenida Pensilvânia. O trajeto liga o Capitólio à Casa Branca, onde o republicano exercerá suas funções pelos próximos quatro anos. Esse desfile é uma tradição que representa o percurso simbólico do poder para a residência oficial do chefe do Executivo americano. As tradições na celebração da posse As cerimônias de posse presidencial nos Estados Unidos seguem uma sequência tradicional desde que Franklin D. Roosevelt assumiu o cargo em 1933. Naquela ocasião, Roosevelt participou de uma celebração religiosa na manhã de sua posse, estabelecendo um costume seguido pelos presidentes eleitos subsequentes. Após o culto, o presidente eleito Donald Trump, o vice-presidente eleito James David Vance e suas famílias se dirigem ao Capitólio dos EUA, acompanhados por diversas autoridades. Durante a cerimônia no Capitólio, o vice-presidente eleito é empossado primeiro, normalmente por um funcionário escolhido por ele. Em seguida, o presidente eleito faz o juramento de posse diante do presidente da Suprema Corte. Um almoço e desfile inaugural completam o evento, e a noite geralmente é marcada por bailes em homenagem ao novo presidente. O protocolo tradicional, no entanto, já sofreu mudanças em situações extraordinárias, como nos casos de sucessão presidencial devido a mortes inesperadas. Em 1865, após o assassinato de Abraham Lincoln, o vice-presidente Andrew Johnson tomou posse em uma cerimônia privada, realizada em sua residência em Washington, D.C. Quando o presidente John F. Kennedy foi assassinado em 1963, Lyndon B. Johnson foi empossado no avião presidencial Força Aérea no aeroporto de Dallas, em uma cerimônia discreta. A posse de Joe Biden em 2021 também fugiu do padrão tradicional. Realizada em meio à pandemia de COVID-19, a cerimônia foi restringida para evitar aglomerações e contou com uma segurança reforçada após o ataque ao Capitólio, duas semanas antes, por apoiadores de Donald Trump. O republicano não foi à posse do sucessor. Foi a primeira vez que isso ocorreu desde 1869. 1 de 1 O presidente dos EUA, Donald Trump, em 25 de março de 2025 — Foto: REUTERS/Evelyn Hockstein O presidente dos EUA, Donald Trump, em 25 de março de 2025 — Foto: REUTERS/Evelyn Hockstein O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sugeriu novamente neste domingo (30) que poderia tentar um terceiro mandato, desafiando a regra constitucional do país. "Não estou brincando", respondeu Trump quando solicitado a esclarecer seus comentários sobre a possibilidade de buscar outro mandato presidencial. "Existem métodos pelos quais isso pode ser feito", disse ele em uma ligação para a emissora de televisão NBC. A 22ª Emenda, incluída na Constituição em 1951 após o presidente Franklin D. Roosevelt ser eleito quatro vezes consecutivas, diz que "nenhuma pessoa será eleita para o cargo de presidente mais de duas vezes". O bilionário de 78 anos afirmou diversas vezes que pode tentar um terceiro mandato, mas suas declarações deste domingo são as mais concretas em relação a um plano para atingir esse objetivo. Trump iniciou seu segundo mandato com uma onda sem precedentes de decretos e tem utilizado um departamento comandado por Elon Musk, o DOGE, para desmantelar setores do governo federal, enfraquecendo funcionários de carreira. Segundo Trump, seus seguidores querem ainda mais. "Muita gente quer que eu faça isso", disse Trump à NBC News. "Mas basicamente digo a eles que temos um longo caminho pela frente, sabem, é muito cedo na administração." Reformar a Constituição dos Estados Unidos para permitir um terceiro mandato presidencial necessitaria de uma maioria de dois terços tanto na Câmara dos Representantes quanto no Senado, números que o Partido Republicano não possui. Trump afirmou que é "muito cedo para pensar nisso", mas assegurou à NBC que lhe foram apresentados planos que lhe permitiriam buscar a reeleição. Eleição como vice e renúncia Quando a NBC perguntou a Trump sobre um possível cenário no qual o vice-presidente J.D. Vance se candidataria à presidência com ele como vice e depois renunciaria para entregar o poder a Trump, o atual mandatário disse que "esse é um" método, e acrescentou que "há outros", mas não quis dar detalhes. Se Trump não tentar emendar a Constituição através do Congresso, precisaria do apoio de dois terços dos 50 estados do país para convocar uma convenção constitucional que propusesse mudanças na Carta Magna. Seja por uma via ou outra, ele precisaria logo em seguida da ratificação de três quartos de todos os estados. As duas alternativas parecem pouco prováveis, tendo em conta o atual número de estados e congressistas sob controle republicano. Os Estados Unidos nunca tiveram uma convenção constitucional. Todas as 27 emendas da Constituição existentes foram realizadas por meio da aprovação no Congresso. Vice-presidente dos Estados Unidos chega à Groenlândia em meio a ameaças de Trump Trump 2.0: quais as apostas de Trump para o novo mandato? O novo presidente dos EUA, Donald Trump, voltou ao poder e já deu indícios de como deverão ser as políticas deste governo. O republicano iniciou o segundo mandato com uma série de medidas em áreas como relações externas, comércio, imigração e programas de diversidade de raça e gênero. Durante quatro anos no exílio político após o primeiro mandato, Trump prometeu remodelar de forma radical a cultura e a política americanas se tivesse outra chance. A primeira semana demonstrou que ele tentará fazer exatamente isso enquanto corre para cumprir as promessas que o levaram de volta ao poder. Veja algumas das maiores mudanças políticas do governo Trump 2.0. 1 de 5 As políticas de governo de Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews As políticas de governo de Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews Nenhuma questão recebeu mais atenção nos primeiros dias de Trump e o novo governo do que a imigração. A questão está há muito tempo no centro do discurso político do presidente, e reforçou ao longo da campanha presidencial que faria mudanças significativas na área. Ele rapidamente eliminou as políticas que impediam os oficiais de Imigração e Alfândega de invadir igrejas, escolas e hospitais em busca de imigrantes e bloqueou a entrada de milhares de refugiados que já haviam sido liberados para seguir para os EUA. O presidente também instruiu as autoridades federais a investigar e potencialmente processar autoridades locais em cidades e estados que interferem nos esforços do governo para deportar pessoas que estão no país ilegalmente. 2 de 5 As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews O republicano também emitiu ordens executivas relacionadas à energia para poder expandir o uso de combustíveis fósseis, restringir a utilização energia renovável e abandonar os esforços do governo federal para lidar com as mudanças climáticas. O presidente declarou uma "emergência energética" e deu início a planos para abrir áreas de perfuração de petróleo maiores no Alasca. Ele também ordenou o congelamento das licenças federais para parques eólicos em todo o país, além de determinar que as agências simplifiquem o licenciamento de gasodutos e mineração e revoguem as regras que incentivam o uso de carros elétricos. No entanto, há um processo legal exigido para refazer os regulamentos federais que pode levar anos e ainda precisa passar pelos tribunais. Políticas de diversidade e gênero 3 de 5 As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti O novo governo reverteu os esforços de Biden para a inclusão pessoas intersexuais ou transgêneros, por exemplo, para que elas se identifiquem desta forma nas instituições federais. Depois de declarar em seu discurso de posse que iria inaugurar uma sociedade "daltônica" e "baseada no mérito", Trump ordenou que as agências federais eliminassem imediatamente os conceitos de diversidade, equidade e inclusão - ou DEI - das políticas, programas e práticas do governo federal. Ele rescindiu ordens executivas emitidas por Biden que buscavam promover a equidade para mulheres e negros, hispânicos, asiáticos e nativos americanos, bem como pessoas com deficiência. Em um esforço para eliminar qualquer iniciativa do DEI "disfarçada", os funcionários federais foram instruídos a denunciar qualquer colega que tentasse contornar a ordem. Aqueles que souberem de qualquer atividade e não a denunciarem dentro de 10 dias, enfrentarão "consequências adversas", de acordo com e-mails enviados por todos os chefes de agências. Comércio internacional e economia 4 de 5 As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews Tarifas em grande escala ainda não foram impostas, mas nações ao redor do mundo estão se preparando para as exigências que devem chegar em 1º de fevereiro, segundo Trump. Agora, os países aguardam para saber se essas tarifas realmente entram em vigor no mês que vem. Tecnologia e Inteligência Artificial 5 de 5 As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews As políticas do governo Trump — Foto: Helena Cunha e Gabriela Pelegrineti/Globonews Esta é apenas uma das ações que mostram o alinhamento de Trump com o setor de big techs. Depois, Trump emitiu uma ordem executiva orientando sua equipe a elaborar um plano para seguir uma política que "sustente e melhore o domínio global da IA nos EUA". Meta, dona de Instagram e Facebook, encerrará sistema de checagem de fatos 'Tudo será revelado', diz Trump após retirar sigilo de documentos sobre assassinatos Trump manda veículos militares e helicópteros para patrulhar fronteiras Nota: Para a primeira presidência, veja Primeira presidência de Donald Trump. Segundo governo de Donald Trump 2025 – presente Segunda presidência de Donald TrumpRetrato oficial da posse, 2025 Início 20 de janeiro de 2025 Duração 4 meses e 1 dia Organização e Composição Tipo Presidencialismo 50.º vice-presidente J. D. Vance 47.º presidente Donald Trump Partido Republicano Oposição Democrata Histórico Eleição 2024 whitehouse.gov ← Joe Biden (2021–2025) Este artigo faz parte de uma série sobreDonald Trump Pessoal e empresarial Início de vida Família e ancestralidade Carreira empresarial Carreira política Posições políticas Prêmios e honrarias Histórico eleitoral Trumpismo 45.º Presidente dosEstados Unidos Primeira administração Transição presidencial Primeira posse presidencial Gabinete Política econômica Disputa comercial USMCA Política ambiental Saída do Acordo de Paris Política externa Viagens presidenciais Visitas recebidas Reconhecimento de Jerusalém Plano Trump Cúpula de Singapura Cúpula de Hanói Cúpula da ZDC Protestos anti-Trump Pandemia de COVID-19 Nomeações à Suprema Corte 47.º Presidente dosEstados UnidosNo cargo Segunda administração Transição presidencial Segunda posse presidencial Gabinete Embaixadores indicados Ordens executivas Deportações Departamento de Eficiência Governamental Plano para a faixa de Gaza Propostas para a aquisição da Groenlândia Reunião entre Trump e Zelensky Tarifas alfandegárias Escândalos e polêmicas Trump-Ucrânia Foto na Igreja de São João Separação de famílias Ataque ao Capitólio Propostas de impeachment Primeiro Segundo Acusações de abuso sexual Acusações Acusação federal pelas eleições de 2020 Acusação por documentos classificados Investigação do FBI Trump contra Estados Unidos Investigação do conselheiro especial Acusação eleitoral na Geórgia Investigação das eleições na Geórgia Mugshot Eleições presidenciais 2000 Campanha 2016 Campanha 2020 Campanha 2024 Campanha vde O segundo mandato como presidente de Donald Trump começou em 20 de janeiro de 2025, com sua segunda posse. Membro do Partido Republicano, Trump já havia sido o 45º presidente dos EUA. Ao fazer o juramento de posse como presidente, ele se tornou o segundo presidente na história dos EUA a servir mandatos não consecutivos, após o ex-presidente Grover Cleveland, reeleito em 1892. Trump se tornou a pessoa mais velha a tomar posse como presidente dos Estados Unidos, bem como o primeiro condenado criminalmente a ocupar o cargo de presidente. Donald Trump foi eleito presidente em 6 de novembro de 2024, após derrotar a oponente democrata e atual vice-presidente Kamala Harris, ao lado de seu companheiro de chapa, J. D. Vance. Ao fazer seu juramento como o 50º vice-presidente,[1][2] Vance se tornou o primeiro vice-presidente millennial dos Estados Unidos. Ver artigos principais: Campanha presidencial de Donald Trump em 2024 e Eleição presidencial nos Estados Unidos em 2024 Mais informações: Eleições nos Estados Unidos em 2024, Eleições primárias presidenciais do Partido Republicano em 2024, e Convenção Nacional do Partido Republicano de 2024 Donald Trump anunciou oficialmente sua candidatura à nomeação republicana na eleição presidencial dos Estados Unidos em 2024 em 15 de novembro de 2022, em sua residência em Mar-a-Lago, com um discurso de cerca de uma hora, buscando a nomeação do Partido Republicano.[3][4] Em março de 2024, Trump se tornou o candidato presumido do Partido Republicano após as primárias presidenciais do partido.[5] Trump escolheu o senador J. D. Vance como seu companheiro de chapa, e ambos foram formalmente nomeados como a chapa republicana na Convenção Nacional Republicana de 2024.[6] O atual presidente, Joe Biden, inicialmente concorreu à reeleição para a nomeação democrata, tornando-se o candidato presumido do partido em março de 2024 após vencer confortavelmente as primárias com pouca oposição.[7][8] No entanto, após uma performance amplamente criticada em um debate e em meio a preocupações crescentes sobre sua idade e saúde, Biden oficialmente retirou-se da disputa em julho de 2024.[9][10] Biden endossou Kamala Harris, sua companheira de chapa em 2020 e atual vice-presidente dos Estados Unidos, como sua sucessora, e ela anunciou sua candidatura em 21 de julho.[11] No dia seguinte, Harris obteve delegados suficientes em caráter não vinculativo para se tornar a nova candidata presumida do partido;[12] na Convenção Nacional Democrata de 2024, em agosto, ela aceitou formalmente a nomeação do partido.[13] O presidente em exercício Joe Biden e o presidente eleito Donald Trump no Salão Oval em 13 de novembro de 2024. O período de transição presidencial começou após a vitória de Trump na eleição presidencial dos EUA de 2024. Em novembro de 2024,[14] anunciou a futura criação do Departamento de Eficiência Governamental dos EUA, que tem como principal objetivo contribuir para a tomada de decisões do governo, resultando em ações como a redução de regulamentações excessivas, corte de gastos desnecessários, entre outras.[14] Sua criação efetiva acontecerá ao assumir a segunda presidência em 2025. Na mesma declaração da criação do Departamento, também foi anunciado que este seria chefiado pelos empresários Elon Musk e Vivek Ramaswany. Ver artigo principal: Posse de Donald Trump em 2025 Trump foi empossado em 20 de janeiro de 2025, sucedendo Biden como o 47º presidente dos Estados Unidos.[15][16] Ver artigo principal: Seleção de candidato vice-presidencial do Partido Republicano em 2024 Em julho de 2024, Trump escolheu o senador de Ohio JD Vance como seu companheiro de chapa na Convenção Nacional Republicana daquele ano. Vance foi apoiado por Donald Trump Jr., Elon Musk e Tucker Carlson, e fortalecido por uma série de eventos na mídia, incluindo um debate primário acalorado com Josh Mandel e Mike Gibbons, uma reafirmação de seu apoio a Trump no The Wall Street Journal enquanto Ron DeSantis ganhava destaque na mídia conservadora, e uma visita conjunta a East Palestine, Ohio, após um descarrilamento de trem em fevereiro de 2023.[17] Ver artigo principal: Segundo gabinete presidencial de Donald TrumpEm 11 de novembro de 2024, o The New York Times informou que o senador dos EUA Marco Rubio, da Flórida, era esperado para ser o secretário de Estado de Trump;[18] ele foi oficialmente nomeado em 13 de novembro.[19] Foi relatado em 8 de novembro que o representante Mike Rogers estava sendo considerado para o cargo de secretário de Defesa,[20] mas em 12 de novembro Trump anunciou que o veterano militar e apresentador da Fox News Pete Hegseth seria seu indicado para a posição.[21] No mesmo dia, a CNN informou que a governadora da Dakota do Sul, Kristi Noem, seria nomeada como secretária de Segurança Interna,[22] o que Trump posteriormente confirmou.[23] Em 13 de novembro, Trump escolheu o representante Matt Gaetz para procurador-geral,[24] mas Gaetz retirou-se da consideração em 21 de novembro.[25] Em 14 de novembro, o advogado ambiental e ativista Robert F. Kennedy Jr. foi selecionado como secretário de Saúde e Serviços Humanos.[26] Em 15 de novembro, o governador da Dakota do Norte, Doug Burgum, foi nomeado para secretário do Interior.[27] No mesmo dia, o ex-representante e reservista da Força Aérea, Doug Collins, foi selecionado para secretário de Assuntos de Veteranos.[28] Em 16 de novembro, Trump escolheu o CEO de uma empresa de energia, Chris Wright, como seu indicado para secretário de Energia.[29] Em 18 de novembro, Trump nomeou o ex-representante Sean Duffy como secretário de Transporte.[30] Em 19 de novembro, foi relatado que Trump deveria nomear seu co-presidente da equipe de transição e banqueiro de investimentos Howard Lutnick para secretário de Comércio.[31] No mesmo dia, Trump nomeou a empresária e chefe da Administração de Pequenas Empresas, Linda McMahon, como secretária de Educação.[32] Em 21 de novembro, após a retirada de Gaetz, Trump selecionou Pam Bondi como procuradora-geral.[33] No dia seguinte, Trump nomeou o executivo de fundos de hedge Scott Bessent como secretário do Tesouro,[34] a congressista Lori Chavez-DeRemer como secretária do Trabalho,[35] e o ex-representante estadual Scott Turner como secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano.[36] Também foi relatado naquele dia que Trump era esperado para nomear a ex-senadora dos EUA Kelly Loeffler como secretária da Agricultura,[37] mas em 23 de novembro ele escolheu a ex-diretora do Conselho de Política Doméstica, Brooke Rollins.[38] Em 7 de novembro, Trump escolheu Susie Wiles, co-presidente de sua campanha presidencial, como sua chefe de gabinete. Ela será a primeira mulher a ocupar o cargo.[39] Três dias depois, a CNN informou que Trump havia oferecido à representante Elise Stefanik o cargo de embaixadora nas Nações Unidas. No dia seguinte, o The Wall Street Journal informou que o representante Michael Waltz será seu conselheiro de segurança nacional,[40] o ex-representante Lee Zeldin foi anunciado como o indicado de Trump para administrador da Agência de Proteção Ambiental,[41] e a ex-representante Tulsi Gabbard como diretora de Inteligência Nacional.[42] Em 26 de novembro, Trump escolheu Jamieson Greer como representante de Comércio dos Estados Unidos.[43] Várias pessoas recusaram servir na administração de Trump ou foram excluídas de servir. Em 29 de outubro, a senadora dos EUA Cynthia Lummis, do Wyoming, recusou ser considerada para o cargo de Secretária do Interior.[44] Em 7 de novembro, o senador dos EUA Tom Cotton, do Arkansas, recusou ocupar um cargo na administração.[45] Em 9 de novembro, Trump afirmou que não convidaria novamente Nikki Haley ou Mike Pompeo, sua ex-embaixadora nas Nações Unidas e ex-secretário de Estado, respectivamente, de sua primeira administração.[46] Em 11 de novembro, o senador dos EUA Eric Schmitt, do Missouri, recusou ser considerado para o cargo de Procurador-Geral.[47] No dia seguinte, John Paulson recusou ser considerado para o cargo de Secretário do Tesouro.[48] Em 12 de novembro, foi anunciado que Donald Trump Jr. não faria parte da administração,[49] em linha com declarações anteriores de Trump de que não queria sua família envolvida em seu segundo mandato.[50][51] Jared Kushner também declarou que não fará parte da administração.[52] Em 15 de novembro, foi relatado que o ex-representante Mike Rogers estava sendo considerado para Diretor do FBI,[53] mas em 22 de novembro esses relatórios foram desmentidos.[54] Em 21 de novembro, foi informado que Roger Severino foi rejeitado como candidato a Secretário Adjunto do Departamento de Saúde e Serviços Humanos.[55] Ver artigo principal: Lista de ordens executivas na segunda presidência de Donald Trump Trump declarou que o aborto deveria ser delegado aos estados em abril de 2024.[56] Nessa medida, ele afirmou em uma entrevista à Time que permitiria que os estados monitorassem as gravidezes e processassem criminalmente pacientes que realizassem abortos.[57] Trump criticou a decisão da Suprema Corte do Arizona no caso Planned Parenthood Arizona v. Mayes (2024), na qual o tribunal manteve uma lei de 1864 que criminaliza abortos, exceto para salvar a vida da mãe, afirmando que ele não assinaria uma proibição federal do aborto[58] e reafirmou sua posição em outubro.[59] Após a Suprema Corte do Alabama decidir, no caso LePage v. Center for Reproductive Medicine (2024), que embriões congelados são seres vivos, Trump posicionou-se a favor da fertilização in vitro.[60] A equipe de transição de Trump para o clima e o meio ambiente é liderada por David Bernhardt, ex-lobista do setor de petróleo que serviu como secretário do Interior, e Andrew R. Wheeler, ex-lobista do setor de carvão que liderou a Agência de Proteção Ambiental (EPA) durante o governo Trump. A equipe está se preparando para retirar os EUA do Acordo de Paris pela segunda vez, expandir a perfuração e mineração em terras públicas e desmantelar escritórios que trabalham para combater a poluição, enquanto outros funcionários discutiram a possibilidade de mover a EPA de Washington, D.C. Trump redesenhará as fronteiras dos Monumentos Nacionais Bears Ears e Grand Staircase-Escalante, como fez em sua primeira presidência, encerrará a pausa em novos terminais de exportação de gás natural que começou sob o governo de Joe Biden e impedirá que os estados estabeleçam seus próprios padrões de poluição.[61] Em um jantar privado em Mar-a-Lago, em abril de 2024, Trump prometeu às empresas de combustíveis fósseis que revogaria regulamentações ambientais se elas doassem para sua campanha.[62] Trump prometeu impor tarifas mais altas sobre importações de todos os países, particularmente da China.[63] Em 25 de novembro de 2024, Trump afirmou que assinaria uma ordem executiva impondo tarifas de 25% sobre o Canadá e o México, além de uma tarifa adicional de 10% sobre a China.[64] Em 30 de novembro de 2024, Trump ameaçou impor uma tarifa de 100% sobre as nações do BRICS caso tentassem criar uma nova moeda do BRICS ou promover outra moeda para substituir o dólar americano como moeda de reserva global.[65] A reserva estratégica de bitcoin é um ativo de reserva, financiado pelo bitcoin confiscado pelo Tesouro dos Estados Unidos, anunciado pelo presidente Donald Trump em março de 2025. Separadamente, um estoque de ativos digitais para ativos não bitcoin também foi criado. Trump declarou anteriormente que quer que os EUA se tornem a "capital criptográfica do mundo". [66][67][68][69] A reserva será capitalizada com bitcoin já detido pelo governo federal. Os Estados Unidos são o maior detentor conhecido de bitcoin no mundo, estimando-se que detenham cerca de 200.000 BTC, em março de 2025. [70][71] A reserva provocou reações mistas, desde alguns economistas a criticarem a ideia, até governos de vários estados a iniciarem projetos semelhantes. [71][72][73][74] Durante seu primeiro mandato, Trump cortou o financiamento do Departamento de Educação, enquanto continuava a criticá-lo. Durante sua campanha de 2024, Trump promoveu ativamente a ideia de abolir o Departamento de Educação e propôs transferir o controle da educação para os governos estaduais.[75] Elon Musk e Vivek Ramaswamy irão liderar o Departamento de Eficiência Governamental, uma comissão que "forneceria conselhos e orientações de fora do governo".[76][77] Em 14 de novembro, em um discurso em Mar-a-Lago, Flórida, Trump anunciou que nomearia Robert F. Kennedy Jr. para o cargo de secretário de saúde. Essa nomeação causou controvérsia devido ao apoio repetido de Kennedy a teorias da conspiração antivacina, com o diretor da Associação Americana de Saúde Pública afirmando que Kennedy "já causou grandes danos à saúde no país" e que ele também é "uma pessoa sem experiência na área da saúde".[78] Em dezembro, Trump revelou que estava discutindo o fim dos programas de vacinação infantil com RFK Jr. e promoveu a alegação cientificamente refutada de uma ligação entre vacinas e autismo.[79] Trump pretende expandir e reviver as políticas de imigração que impôs durante sua primeira presidência, incluindo sua proibição de viagens para muçulmanos, expulsar solicitantes de asilo alegando que eles carregam doenças infecciosas, deputar policiais e soldados para ajudar o Serviço de Imigração e Controle de Aduanas (ICE) em deportações em massa, e estabelecer vastos campos de detenção, de acordo com o The New York Times.[80] Após sua vitória, Trump disse que "não há limite de custo" para realizar essas deportações.[81] Trump anunciou em 10 de novembro de 2024 que Tom Homan se juntará à nova administração como "czar da fronteira",[82] escrevendo que "Homan será responsável por toda deportação de estrangeiros ilegais de volta ao seu país de origem."[83] Em sua segunda campanha, Donald Trump detalhou uma série de propostas voltadas a reverter políticas recentes relacionadas à comunidade LGBT e a reformular as diretrizes federais sobre identidade de gênero e direitos de pessoas transgênero. Trump afirmou que, no "primeiro dia", ele reverteria a expansão do Title IX feita pela administração Biden, que protege os direitos dos estudantes transgêneros de usar banheiros, vestiários e pronomes que correspondem à sua identidade de gênero. Trump também prometeu cortar o financiamento federal para escolas que promovem "teoria crítica da raça, insanidade transgênero e outros conteúdos raciais, sexuais ou políticos inadequados."[84] Suas políticas propostas limitariam significativamente o atendimento de afirmação de gênero, incluindo a proibição federal desse tipo de atendimento para menores de idade e o bloqueio de financiamento do Medicare e Medicaid para médicos que oferecem serviços de afirmação de gênero. Trump também propôs proibir agências federais de "promover" a transição de gênero e planeja encarregar o Departamento de Justiça de investigar os possíveis efeitos a longo prazo dos tratamentos de afirmação de gênero.[85] Em novembro de 2024, a NBC News informou que a administração Trump estava compilando uma lista de oficiais militares que estiveram envolvidos na retirada das tropas dos EUA do Afeganistão entre 2020 e 2021, em preparação para possíveis cortes marciais.[86] Em uma publicação no Truth Social em setembro de 2024, Trump declarou que "... as pessoas que trapacearam serão processadas ao máximo rigor da lei...", referindo-se à eleição de 2024.[87] Em seu livro de 2024, Save America, Trump ameaçou prisão perpétua para o CEO da Meta Platforms, Mark Zuckerberg, se ele fizer algo ilegal.[87] Espera-se que Trump encerre as investigações do Departamento de Justiça contra ele em Washington, D.C., e na Flórida. O Conselheiro Especial Jack Smith está considerando encerrar suas investigações mais cedo e apresentar um relatório final ao Procurador-Geral Merrick Garland antes da posse de Trump, segundo o The Washington Post.[88] Trump afirmou várias vezes que, se fosse reeleito em 2024, ele indultaria os participantes do ataque ao Capitólio em 6 de janeiro.[89][90][91] Até março de 2024, 500 pessoas foram condenadas a penas de prisão e 1.358 foram acusadas criminalmente.[92] Em maio de 2024, Trump disse que comutaria a sentença de Ross Ulbricht no seu primeiro dia no cargo.[93][94] Ulbricht está cumprindo prisão perpétua por criar e operar o site do mercado darknet Silk Road, que funcionava como um serviço oculto na rede Tor e facilitava a venda de narcóticos e outros produtos e serviços ilegais.[95] Trump também sugeriu ou insinuou possíveis indultos para Julian Assange e Peter Navarro; veículos de mídia também especularam que Trump poderia conceder indultos para Eric Adams e Todd e Julie Chrisley.[96] Ver artigo principal: Relações entre Afeganistão e Estados UnidosDurante seu primeiro mandato, o governo Trump assinou um acordo de paz com o Talibã para encerrar a guerra de duas décadas no Afeganistão. A retirada das tropas dos EUA começou em fevereiro de 2020 sob Trump e continuou com o governo Biden, que supervisionou as fases finais da retirada e a subsequente queda de Cabul em agosto de 2021, levando ao restabelecimento do Emirado Islâmico do Afeganistão. Durante sua campanha, Trump criticou fortemente e condenou a forma como Biden lidou com a retirada, chamando-a de "o dia mais embaraçoso na história do nosso país" e afirmando que haverá consequências para os responsáveis. Ele também expressou apoio às famílias Gold Star dos 13 militares mortos em um ataque suicida no Aeroporto Internacional de Cabul durante os últimos dias da retirada, que, por sua vez, apoiaram a reeleição de Trump.[97] Em novembro de 2024, a equipe de transição de Trump estava supostamente compilando uma lista de oficiais militares envolvidos na retirada do Afeganistão e investigando se eles poderiam ser submetidos à corte marcial. Eles também estavam considerando criar uma comissão para investigar a retirada, incluindo se alguns oficiais poderiam ser considerados culpados de traição.[86] Ver artigo principal: Relações entre Estados Unidos e FrançaUm mês após a eleição, Trump viajou para Paris para participar da reabertura da Catedral de Notre-Dame de Paris em 7 de dezembro, cinco anos após ter sido gravemente danificada por um incêndio. Foi sua primeira viagem ao exterior como presidente eleito desde sua segunda vitória eleitoral. Ele se encontrou com vários líderes mundiais antes da cerimônia, incluindo o presidente francês Emmanuel Macron, o presidente ucraniano Volodymyr Zelenskyy e o Príncipe William do Reino Unido.[98] Ver artigo principal: Relações entre Estados Unidos e RússiaApós sua vitória, Trump ligou para o presidente russo Vladimir Putin para adverti-lo a não escalar a Guerra Russo-Ucraniana, expressando interesse em resolver o conflito em uma data futura.[99] Trump se encontrou com Volodymyr Zelenskyy durante a campanha e na reinauguração da Catedral de Notre-Dame.[100] Ver artigo principal: Relações entre Argentina e Estados UnidosEm 14 de novembro de 2024, o presidente da Argentina, Javier Milei, foi à Flórida para se encontrar com Trump em Mar-a-Lago.[101] Ele foi o primeiro chefe de estado estrangeiro a viajar para os Estados Unidos após a vitória de Trump e a se encontrar com o presidente eleito.[102] Economista libertário de direita, Milei já havia demonstrado seu fervoroso apoio a Donald Trump e suas políticas, desejando fortalecer os laços diplomáticos e econômicos entre a Argentina e o mundo ocidental. Em uma ligação após os resultados da eleição, Trump chamou Milei de seu "presidente favorito", de acordo com relatos.[102] O presidente da Argentina fez um discurso em um encontro do CPAC em Miami.[103] Milei também se encontrou com os diretores planejados do Departamento de Eficiência Governamental, Elon Musk e Vivek Ramaswamy, para orientá-los sobre seu objetivo de "desmantelar a burocracia", reduzir os gastos do governo e reorganizar o pessoal federal.[102][104] Durante a segunda administração de Donald Trump, a política externa dos EUA na América Latina focou em combater a influência da China na região, particularmente no contexto de infraestrutura comercial estratégica. Um exemplo notável é a ênfase dada ao fortalecimento dos laços com o Chile, especificamente por meio de investimentos potenciais na modernização do Porto de San Antonio em Valparaíso. Essa iniciativa foi apresentada como um contra-ataque estratégico ao megaprojeto financiado pela China no Porto de Chancay, no Peru.[105] Investidores dos EUA, facilitados pela Development Finance Corporation, estavam planejados para visitar o Chile a fim de avaliar oportunidades de desenvolvimento tecnológico e infraestrutural. Enquanto isso, relatórios sugeriram que a administração Trump considerava impor tarifas de até 60% sobre os produtos exportados do porto de Chancay, refletindo sua estratégia mais ampla de apoiar aliados como o Chile diante da expansão da influência da China na América Latina. Esses desenvolvimentos ocorreram em meio a altos níveis de engajamento diplomático entre autoridades chilenas e dos EUA, destacando interesses compartilhados em aprimorar as redes comerciais no Pacífico.[106] Trump nomeou Brandon Judd como embaixador dos Estados Unidos no Chile.[107][108] Judd foi membro da Patrulha de Fronteira dos EUA, atuando como presidente do sindicato National Border Patrol Council,[109] e é um defensor da construção do muro na fronteira.[110] Em 2025, o Chile enfrenta uma crise de imigração ilegal.[111] Ver artigo principal: Relações entre Estados Unidos e IrãElon Musk se encontrou com o embaixador do Irã na ONU, Saeid Iravani, em 11 de novembro de 2024.[112][113] Em janeiro de 2025, Elon Musk teria ajudado a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni a libertar a cidadã italiana Cecila Sala da detenção pelo regime iraniano.[114] Ver artigo principal: Relações entre Estados Unidos e Israel Presidente Donald Trump e Benjamin Netanyahu se encontrando em 2025. Em seu primeiro mandato, Trump foi considerado um dos presidentes mais pró-Israel dos Estados Unidos.[115][116] Durante sua campanha presidencial de 2024, Trump instou o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu a encerrar a guerra em Gaza dentro de dois meses e abriu a possibilidade de ataques às instalações nucleares do Irã.[117] Trump avisou o Hamas de que eles enfrentariam "todas as consequências" se a guerra não acabasse antes de ele assumir o cargo em janeiro.[118] Após a eleição, Trump conversou com o presidente palestino Mahmoud Abbas pela primeira vez desde 2017.[119] Durante a ligação, Trump expressou seu desejo de encerrar rapidamente a guerra em Gaza.[120] O genro de Trump e ex-conselheiro sênior da Casa Branca, Jared Kushner, deverá desempenhar um papel fundamental na futura política dos Estados Unidos no Oriente Médio como conselheiro presidencial externo. Sendo pró-Israel e tendo laços com vários líderes árabes, Kushner ajudou anteriormente a intermediar os Acordos de Abraão durante o primeiro mandato de Trump.[121] A maioria dos conselheiros e nomeados de Trump são considerados apoiadores fervorosos do Estado judeu,[122][123] incluindo Hegseth, Huckabee, Ratcliffe, Rubio, Stefanik e Waltz.[124] O empresário libanês-americano Massad Boulos, nomeado como conselheiro sênior para Assuntos Árabes e

Mar-a-Lago». CNN (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Argentina's Milei to meet with Trump, Musk next week in the US». Yahoo News (em inglês). 7 de novembro de 2024. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Haas, Bárbara (14 de novembro de 2024). «Así es el megapuerto de Chancay en Perú que podría poner en aprietos a Chile: el 60% pertenece a China». BioBioChile - La Red de Prensa Más Grande de Chile (em espanhol). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ González, Antonio (18 de novembro de 2024). «Afirman que EE.UU. fijó su atención en puerto de San Antonio ante estrategia china en Perú». BioBioChile - La Red de Prensa Más Grande de Chile (em espanhol). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Agouborde, María Victoria (6 de dezembro de 2024). «Trump nombra como embajador en Chile a un exmiembro de la Patrulla Fronteriza». El País Chile (em espanhol). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «La verdadera razón detrás del nombramiento del nuevo embajador de EE.UU. en Chile». Interferencia (em espanhol). 9 de dezembro de 2024. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Brandon Judd» (PDF). house.gov. Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Judd, Brandon (27 de fevereiro de 2024). «Biden got suckered into border battle he can't win». Fox News (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Castro, Maolis (25 de setembro de 2024). «Boric aborda en la ONU el impacto de la crisis venezolana: "Chile no está en condiciones de recibir más migración"». El País Chile (em espanhol). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Iranian official met with Musk in a possible step to ease tensions with Trump». AP News (em inglês). 16 de novembro de 2024. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Musk met with Iran's U.N. ambassador, Iranian officials say | The Spokesman-Review». www.spokesman.com. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Fassihi, Farnaz; Bubola, Emma; Wong, Edward (15 de janeiro de 2025). «Musk Said to Have Intervened to Help Free Italian Jailed in Iran». The New York Times (em inglês). ISSN 0362-4331. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Epshteyn, Boris (16 de setembro de 2020). «Donald Trump Is the Most Pro-Jewish, Pro-Israel President in History». Newsweek (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Hoffman, Maayan; ILTV (6 de novembro de 2024). «Trump's top nine pro-Israel moves worth remembering». Ynetnews (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Trump da dos meses a Netanyahu para acabar la guerra en Gaza y abre la puerta al ataque contra plantas nucleares de Irán». Diario ABC (em espanhol). 6 de novembro de 2024. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Trump appears to threaten Hamas with 'all hell to pay' over hostages». www.bbc.com (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Stallings, Mason Letteau (8 de novembro de 2024). «Trump Announces Readiness to End Gaza War in Call With Abbas». The American Conservative (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Ravid, Barak (8 de novembro de 2024). «Trump tells Palestinian president he wants to end Gaza war». Axios (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Staff, ToI. «Kushner said expected to play key role in Trump's Mideast policy». www.timesofisrael.com (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Braunstein, Melissa Langsam. «What does Trump cabinet mean for Israel?». www.thejc.com (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Kornbluh, Jacob (13 de novembro de 2024). «Your complete guide to Trump's Jewish advisers and pro-Israel cabinet». The Forward (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Eshman, Rob (13 de novembro de 2024). «Trump's first picks are die-hard Israel supporters, mocking the pro-Palestinian protest vote». The Forward (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Rasgon, Adam; Homans, Charles (10 de novembro de 2024). «Palestinians Try to Sway Trump, Reaching Out to Tiffany Trump's Relative». The New York Times (em inglês). ISSN 0362-4331. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Magid, Jacob; Reuters (1 de dezembro de 2024). «Trump says Lebanese-American in-law will be senior aide on Arab and Mideast affairs». www.timesofisrael.com (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Mills, Andrew; Al-Mughrabi, Nidal; Lubell, Maayan (16 de janeiro de 2025). «US says Gaza ceasefire to start as planned despite 'loose end'». Reuters. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Trump says US should stay out of fighting in Syria as opposition forces gain». AP News (em inglês). 7 de dezembro de 2024. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Schmitz, Eyad Kourdi, Christian Edwards, Nic Robertson, Avery (8 de dezembro de 2024). «Syrian rebels appear to have entered Damascus as Assad regime's defenses crumble». CNN (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Roeloffs, Mary Whitfill. «Trump Has Vowed To Reevaluate NATO And Reshape Global Trade: What He's Said About Foreign Policy». Forbes (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Sanger, David E.; Friedman, Lisa (23 de dezembro de 2024). «Trump's Wish to Control Greenland and Panama Canal: Not a Joke This Time». The New York Times (em inglês). ISSN 0362-4331. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Wayland, Michael (23 de dezembro de 2024). «Trump's 25% tariff could be an existential threat to Canada's recovering auto industry». CNBC (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Newton, Matt Egan, Paula (13 de dezembro de 2024). «Canadian official threatens to cut off energy to the United States | CNN Business». CNN (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Watson, Kathryn (10 de dezembro de 2024). «Trump trolls Justin Trudeau as "governor" of the "great state" of Canada - CBS News». www.cbsnews.com (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ McCormack, Caitlin (23 de dezembro de 2024). «Trump indicates he may be interested in buying Greenland — again» (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Trumps søn beskyldte Danmark for racisme: 'Det har han sådan set ret i'». DR (em dinamarquês). 8 de janeiro de 2025. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ a b «Trump ramps up threats to gain control of Greenland and Panama Canal». www.bbc.com (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Jacobs 11-årige søn fik 100 dollar af Trumps YouTube-venner i Nuuk: 'Ikke i orden'». DR (em dinamarquês). 15 de janeiro de 2025. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Jørgenssen, Steen A. (17 de janeiro de 2025). «Nyt krisemøde bag lukkede døre: Politikere skulle aflevere deres telefoner udenfor». Jyllands-Posten (em dinamarquês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Mens verden holder vejret, forbereder danske virksomheder sig på Trumps trusler - TV 2». nyheder.tv2.dk (em dinamarquês). 17 de janeiro de 2025. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Danmark i "historisk uhørt" krise: - Alarmtilstanden går kun én vej, og det er op - TV 2». nyheder.tv2.dk (em dinamarquês). 17 de janeiro de 2025. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ Brisling, Alexander Søgaard (17 de janeiro de 2025). «Qvortrup: Det kan ende i den værste krise for Danmark siden Anden Verdenskrig». www.bt.dk (em dinamarquês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Donald Trump threatens to retake control of Panama Canal». ABC News (em inglês). 23 de dezembro de 2024. Consultado em 17 de janeiro de 2025 ↑ «Dec. 20, 1989: Invasion of Panama». Zinn Education Project (em inglês). Consultado em 17 de janeiro de 2025 Portal da política Portal dos Estados Unidos Obtida de " El presidente de Venezolanos Perseguidos Políticos en el Exilio, José Antonio Colina, analizó si el apoyo de los venezolanos en Estados Unidos al presidente Donald Trump cambiará luego de que la Corte Suprema permitiera ponerle fin al estatus de protección temporal o TPS a este grupo de migrantes que disfrutaba del beneficio desde 2023. Asegura que, en su opinión, los venezolanos que votaron por Trump lo hicieron pensando que el mandatario de EE.UU. trabajaría para que Nicolás Maduro deje el poder en Venezuela.